

Do espírito das roupas ao novo luxo: moda e produção editorial no Brasil

Maria do Carmo Teixeira Rainho¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo discutir a produção editorial brasileira no que se refere à temática da moda tendo como marco inicial o trabalho pioneiro de Gilda de Mello e Souza mencionado no título. Do “espírito das roupas” ao “novo luxo”: nossa proposta é percorrer, ainda que brevemente, objetos, abordagens e referenciais teóricos e metodológicos que vêm embasando esta já extensa produção, apontando ainda temas e perspectivas que se abrem aos pesquisadores.

Na Europa a moda entrou em pauta na Academia no século XIX. Sem nos estender muito nos trabalhos produzidos então, devemos destacar as obras de Simmel, Tarde, Veblen e Spencer como fundadoras de uma teoria da moda. Esses autores consubstanciaram as bases para a análise do movimento de distinção/imitação como motor de mudança da moda, a qual foi a chave para a sua compreensão durante décadas. Foi ainda sob a influência deles que grandes pensadores do século XX, Pierre Bourdieu incluído, escreveram textos fundamentais para a análise do tema. Fundamentais, mas não suficientes para dar conta da moda a partir da segunda metade do século XX: especialmente após a década de 1960, novos elementos vão determinar as suas mudanças e formas de difusão, obrigando os estudiosos a rever conceitos e teorias, tal como proposto por Gilles Lipovetsky, entre outros.

No Brasil durante o século XIX a moda estava confinada aos jornais femininos, aos manuais de etiqueta, às teses médicas e aos romances de José de Alencar e Machado de Assis, entre outros. As roupas, mais do que propriamente a moda, também eram objeto da atenção dos viajantes que descreviam o que os escravos e a aristocracia usavam nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco. A partir da década de 1920, surgem alguns trabalhos direcionados ao tema com a moda aparecendo num

¹ Historiadora, Mestre em História Social da Cultura, Puc-Rio. Pesquisadora do Arquivo Nacional e Professora da Graduação e da Pós-Graduação do Senai/Cetiqt.

contexto mais geral, associada aos “costumes” de uma determinada época.² Mas, a despeito da sua importância como subsídio para o estudo da indumentária no Brasil colônia e império, não se trata ainda de uma abordagem acadêmica da moda. Esta vai ocupar espaço nas ciências humanas com as obras de Gilberto Freyre que, antecipando-se na escolha de temas que apenas décadas mais tarde seriam valorizados, dedicou-se àqueles considerados malditos, frívolos, ou menores como a alimentação e a sexualidade, entre outros. No que se refere à moda, destaca-se *Sobrados e mucambos* de 1936. Tendo como referência a obra dos viajantes, as teses médicas e os anúncios de jornais, Freyre analisa o papel da moda no Brasil durante o século XIX, inserido no chamado 'desassombramento' ou a substituição da arquitetura, alimentação e costumes orientais pelos ocidentais. Partindo deste processo de assimilação dos padrões ingleses e franceses de vestimenta ou da europeização dos trajes, que se acentuou no Segundo Reinado, aborda a deformação do corpo feminino com a adoção do espartilho e a condenação dos médicos à prática; a inadequação dos trajes europeus; o papel das roupas segundo o gênero; a nova sociabilidade feminina e as exigências do espaço público; a superornamentação masculina que, para Freyre, era uma forma de marcar as diferenças de classe, e que vai sendo aos poucos abandonada em troca de outros símbolos de distinção. Décadas mais tarde, em 1987, na coletânea de artigos reunidos em *Modos de homem & modas de mulher* o sociólogo retoma estas questões, além de discutir os padrões de beleza vigentes, as modas dos estilos arquitetônicos, os novos tipos de residências, a modernidade brasileira e até moda e ecologia. Neste livro também estabelece uma diferenciação entre 'modos de homem' em relação às 'modas de mulher'.³

Mas, a despeito da importância de sua obra, é o trabalho de Gilda de Mello e Souza que pode ser definido como fundador da pesquisa acadêmica de moda no País: originalmente sua tese de doutoramento em sociologia produzida em 1950, sob a orientação de Roger Bastide, alcançou um público

² Entre estas obras estão *Três séculos de moda no Brasil*, de João Afonso, de 1923, *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*, de Luís Edmundo, de 1932, *Salões e damas do segundo reinado*, de Wanderley Pinho, de 1941, *O Rio de Janeiro imperial*, de Adolfo Morales de los Rios, de 1946.

³ Segundo ele, a grande diferença entre modos e modas é que os modos de homem tendem a ser menos ostensivos do que as modas de mulher, o que não significa que as modas tenham conotação estritamente feminina.

mais amplo apenas ao ser publicado em 1987 com o título de *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. A importância deste livro deve-se, em primeiro lugar, ao ineditismo do tema, ineditismo que segundo a autora fez com que ele constituísse à época em que foi escrito, "uma espécie de desvio em relação às normas predominantes nas teses da Universidade de São Paulo". O trabalho que talvez tenha parecido "menor" a alguns, acabou por se transformar, cinco décadas depois, em uma referência obrigatória para a análise da produção dos gostos vestimentários e do consumo de roupas na sociedade brasileira do Oitocentos. Tendo como referencial teórico os textos de Spencer, Tarde, Veblen e Simmel e apostando num diálogo marcante com a literatura, nos romances de Balzac, Proust, José de Alencar e Machado de Assis, a autora aborda cinco questões, começando pela relação entre moda e arte, onde questiona a validade de se estudar a moda apenas por seus elementos estéticos. Outros pontos abordados são o antagonismo dos trajes de homens e mulheres; a moda como expressão da subjetividade feminina; as vestimentas e a distinção ou o nivelamento entre as classes; e a importância das festas como espaço de exceção, onde a moda é fundamental como um "instrumento de luta quer ela se trave entre os grupos ou entre os sexos".

Se o trabalho de Gilda de Mello e Souza alcançou reconhecimento apenas no final da década de 1980, isto se deve, em grande parte, aos caminhos que a historiografia brasileira seguiu. Naquele momento os cursos de história e ciências sociais, estavam antenados com as tendências apontadas pela historiografia francesa que, desde a criação da chamada *Escola dos Annales*, vinha propondo uma nova forma de se fazer história: não mais centrada no acontecimento e no indivíduo, no "fato histórico" que marcara a historiografia positivista. Abria-se ao historiador a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, reformulando métodos e práticas e, principalmente dedicando-se a temas ou objetos até então ignorados ou vistos com desdém. Assim é que, no Brasil, a partir da publicação da coleção de livros *História: Novos problemas, Novos objetos, Novas abordagens*, de Pierre Nora e Jacques Le Goff, em 1974, entraram em cena o inconsciente, o mito, as mentalidades, a língua, o livro e a leitura, o corpo, a roupa e a moda, os jovens, a alimentação, a opinião pública, o cinema, a festa. Desse modo, balançaram-se os alicerces

de um fazer histórico que ou se vinculava à uma vertente marxista ou à uma tradição que, remanescente do positivismo rankeano do século XIX, buscava a “verdade histórica”, o fato, tal qual acontecido, a história dos nomes e datas.

Nesse contexto, ingressei, em 1988, no mestrado em História Social da Cultura, onde pude apresentar em 1992, a dissertação *Representações da roupa e da moda no Rio de Janeiro do século XIX*, publicada dez anos depois, pela Editora UnB com o título de *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções*. É importante ressaltar que, se não houve estranhamento por parte dos professores e colegas da pós-graduação com relação ao tema que escolhi, na prática, contei com pouquíssimos livros em português com os quais pudesse dialogar. Aquela época, além de *O espírito das roupas*, obviamente fundamental para o meu trabalho, os únicos livros publicados no Brasil que se relacionavam mais diretamente ao tema eram *O império do efêmero*, de Gilles Lipovetsky, *A roupa e a moda*, de James Laver, ambos de 1989, e *Sistema da moda*, de Roland Barthes, publicado em 1979, além de *Enfeitada de sonhos*, de Elizabeth Wilson, lançado pelas Edições 70, de Portugal. Dessa mesma editora os livros *A moda da moda*, de Gillo Dorfles e *A coquetterie ou a paixão do pormenor*, de Catherine N' Diaye, colaboravam para a formação de uma biblioteca básica de moda, bem como *Psicologia do vestir*, da também portuguesa editora Assírio e Alvim, de 1975, que reunia textos de Umberto Eco e Gillo Dorfles, entre outros e *As espirais da moda*, de François Vicent-Ricard, editado no País em 1989.

Mas, de todo modo e, apesar destes livros que literalmente pipocavam nas editoras brasileiras, poucas reflexões com foco na moda eram produzidas aqui. Exceções são os livros *Moda, luxo e economia*, de José Carlos Durand, de 1988, e *80 anos de moda no Brasil*, de Silvana Gontijo, de 1987. Cabe comentar que ambos trazem contribuições: o pequeno livro de Durand faz uma análise da história da moda e da sua importância em termos econômicos, finalizando com um capítulo dedicado à história da moda no Brasil. Quanto ao trabalho de Gontijo, a uma bela pesquisa de imagens, incluindo croquis publicados em jornais brasileiros, soma-se um texto leve em que cada capítulo corresponde a uma década da moda no País, do início do século XX aos anos 80. Em que pese o pouco aprofundamento de algumas questões e a ausência

de menção às fontes e referências, deve-se destacar que é um dos poucos trabalhos enfocando a moda brasileira numa tão ampla cronologia. Também da década de 80, não diretamente relacionados à moda, mas, importantes como fontes para a história da indústria têxtil no Brasil sob o ponto de vista da mão-de-obra feminina são os trabalhos de Maria Valéria Junho Pena, *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*, e de Alice Rangel de Paiva Abreu, *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção*. Destacam-se também textos que enfocam as roupas e as práticas vestimentares do Brasil colônia e império, como os da historiadora luso-brasileira Maria Beatriz Nizza da Silva. Nizza dedica capítulos a estes temas nos livros *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*, de 1977 e *Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, de 1993. A brasileira Mary Karasch, em *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*⁴ também fornece pistas interessantes para os que desejam pensar sobre as influências, trocas e inter-relações existentes nas roupas dos escravos e dos brancos, especialmente os que integravam a aristocracia no Rio de Janeiro da 1ª metade do século XIX.

O vácuo existente na produção e na publicação de trabalhos acadêmicos sobre moda no Brasil começa a ser preenchido a partir da década de 1990. É interessante lembrar que os anos 90 são uma espécie de marco zero da nova era da moda nacional. A década começa sob o signo de uma grande crise do setor têxtil, afetado pela flutuação cambial que dificultava as exportações, e pela abertura de mercado empreendida pelo governo Collor, que fez com que os produtos brasileiros sofressem uma concorrência desleal dos importados (manufaturados ou não).⁵ Mas, a crise teve um lado positivo: fez com que as indústrias brasileiras se modernizassem – as que a duras penas conseguiram sobreviver; favoreceu a entrada no país de produtos de luxo vendidos em lojas multimarcas; permitiu ao consumidor de baixa renda adquirir produtos de moda, confeccionados com tecidos importados a um custo baixo, criando uma “cultura de moda” no consumidor. Mais do que isso e, tratando daquilo que nos interessa diretamente, a crise chamou a atenção dos

⁴ Publicado em 2000, originalmente sua tese de doutorado defendida em 1972.

⁵ Entre 1992 e 1997 pelo menos 773 empresas da área têxtil fecharam. Mais de 1 milhão de pessoas perderam seus empregos.

empresários, industriais e profissionais da cadeia têxtil para a necessidade de qualificação da mão-de-obra envolvida no processo, do designer ao modelista, do produtor ao pesquisador, levando à criação e à rápida expansão dos cursos de graduação de moda (em todas as suas variantes). A criação destes cursos iluminou a carência de publicações sobre moda produzidas e editadas no Brasil, o que constituía (e, em alguns casos, ainda constitui) um entrave para algumas disciplinas. O que se viu então foi um movimento do mercado editorial em duas direções: uma vertente se voltou, para os livros de leitura rápida e acessível, os guias de estilo, os “como se vestir”, os livros de orientação profissional, as obras de referência e as coletâneas de artigos produzidos por profissionais experientes e qualificados, brasileiros e estrangeiros.⁶ A outra vertente, dedicada a livros de cunho acadêmico, investiu na tradução de obras de importantes pensadores de moda como Valerie Steel, Anne Hollander, Gilles Lipovestky, entre outros, além de publicar dissertações e teses produzidas no Brasil e coletâneas de textos apresentados em eventos.⁷ Um

⁶ Neste caso encontram-se, entre outros, os livros de Gloria Kalil, *Chic, Chic Homem e Chic [érrimo]: Moda e Etiqueta em Novo Regime*; de Heloisa Marra e Julio Rego, *O estilo no trabalho*; de Fernando de Barros, *O homem casual: a roupa do novo século e Elegância: como o homem deve se vestir*; a coletânea de textos *Todos os caminhos da moda*, de Gilda Chataignier, um de muitos da autora; *O Brasil tem estilo? e Jornalismo e Produção de Moda*, de Ruth Joffily; *As engrenagens da moda*, de Marta Feghali e Daniela Dwyer; *A moda no século XX*, de Maria Rita Moutinho; *A moda*, de Érika Palomino; de Adriana Leite e Lisette Guerra, *Figurino: uma experiência na televisão*. Da editora Senac, voltados para a formação de designers, estilistas, figurinistas, produtores, *A evolução da indumentária: subsídios para a criação de figurinos*, de Mary Louise Nery; *A arte de criar sapatos*, de César Coelho Gomes; *A moda como ela é*, de Márcia Disitzer e Sílvia Vieira; *Marília Carneiro no camarim das oito*, da própria e *Moda em Jornal*, de Patricia Veiga. Ver ainda *Moda Ilustrada de A a Z*, de Regina Maria Catellani, da Editora Manole. Entre os estrangeiros, destacam-se a *Enciclopédia da Moda*, de Georgina O'Hara; os livros publicados pela Cosac & Naify, *Beleza do século* e *Moda do século*, além dos que integram a coleção *Universo da moda* e que se dedicam a apresentar a obra de estilistas. Ainda desta editora ver *Fashion design - Manual do estilista*, de Sue Jenkin Jones; *Manual de estilo*, de Ana Cury e *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*, de Leusa Araújo. Da Martins Fontes, *A moda do século XX*, de Valerie Mendes & Amy de la Haye e *Roupas íntimas: O tecido da sedução*, de Ana Rossetti.

⁷ No que se refere aos autores estrangeiros destacamos *O sexo e as roupas*, de Anne Hollander; o já citado *O império do efêmero*, além de *O luxo eterno* e *A terceira mulher*, de Gilles Lipovestky; os livros da coleção *Moda Básica*, da Rocco, como *A linguagem das roupas*, de Allison Lurie, *Moda e comunicação*, de Malcolm Barnard, *A moral da máscara*, de Patrice Bollon, *Por dentro da moda*, de Shari Benstock e Suzanne Ferriss, *Fetichismo*, de Valerie Steele. Da Editora Senac, o recém lançado *A moda e seu papel social*, de Diane Crane. Da Zahar, *Moda e guerra: um retrato da França ocupada*, de Dominique Veillon. Da Unesp, *Homens de preto*, de John Harvey. Quanto aos autores brasileiros, podemos citar da editora Anablume, *Os Sentidos da Moda*, de Renata Pitombo Cidreira; da Esfera, *A moda do corpo, o corpo da moda*, reunindo textos apresentados no seminário do mesmo nome realizado na Puc-Rio em 2002. Da Senac, *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*, de Mônica Raisa Schpun e *Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências*, de Dario Caldas. Editado pela Arte e Ciência, Unip e Fapesp, *Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico* reúne pesquisas produzidas no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Moda, uma tentativa de agrupar trabalhos de professores e pesquisadores de diversas áreas de conhecimento em torno

outro viés que gerou livros de qualidade é a que se relaciona à publicação de “histórias de empresas” ou livros de arte financiados por instituições do ramo, que servem às comemorações de aniversário dessas empresas ou brindes de final de ano. Geralmente encomendadas a especialistas apresentam projeto gráfico acurado e uma cuidadosa pesquisa de imagens.⁸

A partir da consolidação dos cursos de graduação de moda, as próprias universidades investiram na edição de livros relacionados à temática, algumas delas de forma mais orgânica e continuada, como é o caso da Anhembi Morumbi que reúne, assim, as duas pontas do processo: a produção e a difusão do conhecimento. Viabilizando a edição de pesquisas produzidas por professores da própria universidade e de renomados pesquisadores a Anhembi Morumbi publicou diversos livros⁹ além de editar a versão nacional da revista *Fashion Theory*¹⁰ e publicar importantes coletâneas de artigos originalmente produzidos para eventos, não necessariamente da universidade, como os recém-lançados *Plugados na Moda* e *O Novo Luxo* ambos organizados por Kathia Castilho e Nízia Villaça. Um outro caminho trilhado pela editora é a publicação de textos básicos de moda que atendem às necessidades dos professores na escolha de livros de referência para algumas disciplinas.¹¹

Para finalizar, propomos um exercício, uma pequena contribuição, apontando objetos de pesquisa que quase se impõem a nós. Inúmeros temas podem ser arrolados como ainda a desbravar. Para começar, o foco na obra dos nossos criadores: mais do que biografias, inúmeros estilistas merecem

desse fascinante objeto. Ver ainda *O Sensacional da Moda*, Ana Mery Siehbe de Carli, da EDUCS e os volumes que integram a coleção *Moda Palavra*, organizada por Mara Rúbia Sant’Anna e Soraya Quirino para a Editora Insular.

⁸ Nesse caso encontram-se, entre outras, as publicações *80 anos de nossa história*, da Alpargatas, de 1987; *Sapatos: crônica de um tempo, 1900-1991*, da Francal (Feira Nacional de Calçados e Artefatos), de 1992; *A história da camiseta*, da Hering, *As legítimas havaianas*, de Paulo Lalli e Rui Porto, para a Alpargatas; *O Rio que virou moda*, com textos de Iesa Rodrigues, publicado pela Memória Brasil, para o *Shopping Rio Sul*, entre outros.

⁹ Entre outros, *Moda e linguagem*, de Kathia Castilho, *Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis*, de Cristiane Mesquita, *Discursos da Moda: semiótica, design e corpo*, de Kathia Castilho e Marcelo Martins, *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos*, de Carol Garcia e Ana Paula de Miranda.

¹⁰ Originalmente publicada na Inglaterra é a mais importante revista acadêmica sobre moda e cultura em âmbito internacional. Até o momento foram lançados onze números da edição brasileira.

¹¹ Nessa categoria encontram-se, entre outros, *História da Moda: uma narrativa*, de João Braga e *Moda Brasil: Fragmentos de um vestir tropical*, organizado por Kathia Castilho e Carol Garcia. Em que pese uma desigualdade dos artigos – alguns frutos de pesquisas acuradas e outros flagrantes superficiais e até caricatos da moda produzida em determinadas regiões – trata-se de um livro fundamental.

estudos que se tornem referências para a história da moda nacional. É certo que alguns livros colaboram para esta seção da estante¹², mas, convenhamos, faltam livros sobre George Henri, Gregório Faganello, Ney Galvão, Markito, Simon Azulay, Mauro Taubman – para citar alguns já falecidos – e também sobre aqueles que estão no mercado, possuem uma carreira consolidada e cujo trabalho permanece pouco conhecido. Outro foco interessante é a história das empresas: das tecelagens aos grandes magazines passando pelas lojas e grifes que se tornaram exemplares de sucesso, algumas delas estabelecidas há décadas.¹³ A nossa vocação para a moda praia, o *surfwear* e o jeans também é um filão a ser explorado,¹⁴ bem como as relações entre moda e música no Brasil, do carnaval ao funk. E por que não trabalhos centrados na história da moda no Brasil (ou em determinada região) em cada década? E a relação do homem com a moda?¹⁵ A questão do luxo e do luxo subjetivo que se coloca nos tempos hipermodernos é um outro viés interessante. Assim como as obras de referência sobre moda brasileira para crianças e adolescentes.¹⁶ Existem também poucos trabalhos acadêmicos sobre moda e consumo (em todas as classes sociais) e sobre a “vida útil das roupas”, ou como elas passam do luxo ao lixo. Marketing de moda, produção e pesquisa de moda ainda são objetos a perseguir. Sem contar os dicionários e enciclopédias de moda. Enfim, esses são apenas alguns temas e possibilidades de pesquisa a serem explorados e que podem contribuir para um maior conhecimento sobre a moda produzida e consumida no nosso País. Afinal, se já não podemos mais afirmar que faltam livros sobre moda no Brasil – como fazíamos há dez anos – ainda podemos dizer que faltam livros sobre a moda brasileira. Tal como ela, que se profissionalizou na última década, cabe ao mercado editorial brasileiro investir na publicação das nossas boas pesquisas acadêmicas.

¹² Ver, entre outros, o pioneiro *Marília Valls - um trabalho sobre moda*, de Ruth Joffily, as duas obras sobre Carlos Miéle, de Angélica de Moraes e Antonio Gonçalves Filho; *30 estilistas à moda do Rio*, de Iesa Rodrigues e Paula Acioli; *Jum Nakao, a costura do invisível*; *Alexandre Herchcovitch*, de Dawn Ades e Lilian Pacce; *Bordado da Fama - Uma biografia de Dener*, de Carlos Dória.

¹³ Ver a dissertação de mestrado em Design, de Cristina Seixas, *A questão da cópia e da interpretação do contexto da produção de moda da Casa Canadá*, no Rio de Janeiro da década de 50, ainda não publicada.

¹⁴ No que se refere ao jeans, ver o recém-publicado *Jeans, a roupa que transcende a moda*, de Lu Catoira.

¹⁵ Sobre o tema, um dos poucos trabalhos publicados é o artigo *Onde você comprou esta roupa tem para homem?*, de José Luiz Dutra, na coletânea Nu e vestido, organizado por Mirian Goldenberg.

¹⁶ *Moda: uma história para crianças*, de Katia Canton e Luciana Schiller é a única iniciativa até o momento a investir neste filão. De qualquer modo seu foco não é o Brasil.

Resumo

Esta comunicação tem por objetivo fazer um balanço da produção editorial brasileira no que se refere à temática da moda. Partindo da análise dos primeiros trabalhos aqui produzidos, destacando-se a obra de Gilda de Mello e Souza, *O espírito das roupas*, o texto viaja por temas e abordagens que vêm sendo privilegiados nas últimas décadas. Para finalizar, sugere alguns caminhos de investigação que se abrem aos pesquisadores acadêmicos.